

A narrativa como experiência do conhecer – formação para a individuação

Narrative as experience of knowledge - training for individuation

Erika Souza Leme (UFF)

Marta Cardoso Guedes (SME/IBMR)

Resumo

Neste artigo temos como objetivo discutir a transformação de alguns aspectos da vida contemporânea, como o desaparecimento da experiência e o declínio da narração. Embasados na Teoria Crítica da Sociedade, trouxemos à tona as reflexões de Adorno, Horkheimer e Benjamin sobre a sociedade moderna e, portanto, administrada. Para os referidos autores as formas de organização e as relações humanas foram cunhadas pelo pensamento ordenador, que diz respeito ao modo pelo qual o processo racional de esclarecimento impossibilita uma relação substancial entre experiência e pensamento em nome do progresso da sociedade. Frente a isso, entendemos que devemos recusar a coisificação do indivíduo e pela educação para a individuação temos a possibilidade de formar o indivíduo imbricado com o coletivo, ou seja, sem perder a universalidade que nos constitui.

Palavras-chave: Experiência; Narrativas; Conhecimento.

Abstract

In this article we aim to discuss the transformation of some aspects of contemporary life, the disappearance of experience and the decline of narration. Grounded at the Company's Critical Theory, brought to light the reflections of Adorno, Horkheimer and Benjamin on modern society and therefore administered. For these authors the forms of organization and human relations were minted by the originator thought, with regard to the way in which the rational process of clarification prevents a substantial relationship between experience and thought in the name of progress of society. Faced with this, we understand that we must reject the reification of the individual and education for individuation have the possibility of forming the individual interwoven with the collective, ie, without losing the universality that is us.

Keywords: Experience; Narratives; Knowledge.

Introdução

O mundo moderno, enquanto mundo do conhecimento, coordena a estrutura de determinação da vida em sociedade. Tal dominação se configura pelo pensamento ordenador, que diz respeito ao modo pelo qual o processo racional de esclarecimento impossibilita uma relação substancial entre experiência e pensamento em nome do progresso da sociedade. A base do pensamento ordenador que é a de negar o desconhecido para afugentar os medos e cunhar o pretense poder dos homens sobre o mundo, de modo que:

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens. Este conhece-os na medida em que pode manipulá-los. O homem da ciência conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu *em-si torna para-ele*. Nessa metamorfose, a essência das coisas revela-se como sempre a mesma, como substrato da dominação. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 21)

Sendo assim, o pensamento ordenador não direciona apenas o mundo naquilo que ele é, mas naquilo que deve se tornar, conferindo-lhe o formato de organização sob a égide do trabalho que serve à autoconservação do mundo administrado.

A universalidade dos pensamentos, como a desenvolve a lógica discursiva, a dominação na esfera do conceito, eleva-se fundamentada na dominação do real. (...) O eu, que aprendeu a ordem e a subordinação com a sujeição do mundo, não demorou a identificar a verdade em geral com o pensamento ordenador, e essa verdade não pode subsistir sem as rígidas diferenciações daquele pensamento ordenador. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 25)

Esta estrutura configura as formas de dominação política, social e cultural que esvaziam o sentido da vida e negam a identificação com a humanidade. Isso porque, a dominação que culmina na administração geral da vida tem como fundamento “o esclarecimento que só reconhece como ser e acontecer o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual se pode deduzir toda e cada coisa.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 20)

Assim, quando a supremacia humana é ameaçada por algum objeto, somos instruídos a ignorá-lo, taxando-o como supérfluo, contingente e desnecessário, tal como problematizam Adorno & Horkheimer (1985, p. 18), “O que importa não é aquela satisfação que, para os

homens se chama “verdade”, mas a *operation*, o procedimento eficaz”, isso porque, “No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido, e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade”. Em consequência, do medo a humanidade presume estar livre, por supor não haver o desconhecido.

Em outros termos, é o ciclo racional do esclarecimento que se torna natural, “a ratificação do destino” que projeta sobre o esclarecimento a sua impossibilidade de superação. Nesse sentido, o conhecimento se transforma em reconhecimento e a experiência possível é apenas a de constatação e adaptação aos fatos. Em relação a isso, Adorno & Horkheimer (1985, p. 18), advertem que “Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência”.

O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. A insossa sabedoria para a qual não há nada de novo sob o sol, porque todas as cartas do jogo sem-sentido já teriam sido jogadas, porque todos os grandes pensamentos já teriam sido pensados, porque as descobertas possíveis poderiam ser projetadas de antemão, e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação – essa insossa sabedoria reproduz tão somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que, pela retribuição, reproduz sem cessar o que já era. O que seria diferente é igualado. Esse é o veredicto que estabelece criticamente os limites da experiência possível. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 23)

Com efeito, os referidos autores problematizam o modo pelo qual o esclarecimento se relaciona com seus objetos e para isso traz à tona as narrativas míticas, nas quais os heróis se aproximam do objeto de modo que ao serem afetados o afetam ao mesmo tempo; A fim de negar essa relação de reciprocidade, os procedimentos científicos pautam-se na “fungibilidade universal” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.22), princípio que estabelece o distanciamento entre sujeito e objeto, no qual a experiência perde espaço em prol da indiferenciação com relação ao objeto.

A unificação da função intelectual, graças à qual se efetua a dominação dos sentidos, a resignação do pensamento em vista da produção da unanimidade, significa o empobrecimento do pensamento bem como da experiência: a separação dos dois domínios prejudica a ambos. A limitação do pensamento à organização e à administração, praticada pelos governantes desde o astucioso Ulisses até os ingênuos diretores-gerais, inclui também a limitação que acomete os grandes tão logo não

se trata mais apenas da manipulação dos pequenos. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 41)

Em consequência, o pensamento não estabelece à crítica. Esse é o mundo administrado que disponibiliza experiências repetitivas e pensamentos incapazes de tensionar seus objetos, e tão somente assimilá-los num todo ordenado. A esse respeito os referidos autores (Idem, p. 33) questionam que “o pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele produz para que ela possa finalmente substituí-lo. O esclarecimento pôs de lado a exigência clássica de pensar o pensamento”.

Mediante o mundo administrado, as relações e as experiências são empobrecidas, de modo que nada nos afeta, por não fazer sentido a mera reprodução unilateral do que existe, sem a devida crítica e aproximação com o objeto:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objetos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reações e funções convencionais que se esperam dele como algo objetivo. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 35)

Esse processo de fortalecimento identitário pautado no enfraquecimento subjetivo fez com que a figura do indivíduo desaparecesse, “Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual” (Idem, p. 24), em consequência:

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de apreender o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. (Idem, p. 41)

A referida citação faz retomar a problemática do mundo sem sentido, que traz consigo a pressão invisível e inaudita sobre os indivíduos que alcançam as raias da desumanização; em face da demanda humana há de se pensar, é possível resistir a isso?

Segundo Adorno & Horkheimer (1985), é preciso identificar no próprio desenvolvimento da razão os momentos de dominação que solapam seu ideal de emancipação. E é precisamente sobre isso que recai a crítica, por possibilitar a dúvida e permitir a ousadia de sonhar com dias melhores.

Diante disso, Adorno ressalta a importância da educação devido ser “hoje em dia extremamente limitada a possibilidade de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos”, o que faz com que “as tentativas de se contrapor à repetição de Auschwitz sejam impelidas para o lado subjetivo” (ADORNO, 2010, p. 121). Nesse sentido, Adorno enfatiza a potencialidade da educação no desenvolvimento do conhecimento sem, contudo, transformá-la na salvadora da pátria, pois o autor reconhece seus limites e por isso compreende suas possibilidades:

Mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes – conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia –, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo. (ADORNO, 2010, p. 136)

A possibilidade está na experiência do contato poder reconstituir a esperança do passado de alinhar o pensamento com a experiência, pois “não se trata de conservar o passado, mas de resgatar a esperança passada” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.14). De modo que se possibilite a compreensão da vida como ela está posta para que possamos fazê-la diferente, pois:

Essa aparência, na qual se perde a humanidade inteiramente esclarecida, não pode ser dissipada pelo pensamento que tem de escolher, enquanto órgão de dominação, entre o comando e a obediência. Incapaz de escapar ao envolvimento que mantém preso à pré-história, ele consegue no entanto reconhecer na lógica alternativa, da consequência e da antinomia, com a qual se emancipou radicalmente da natureza, a própria natureza, irreconciliada e alienada de si mesma. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.43)

Nesse sentido, como lógica alternativa vislumbramos a formação para a individuação, ou seja, voltada ao indivíduo sem negar sua universalidade. Reestruturando a relação entre o indivíduo e o mundo, salvaguarda-se a possibilidade de se considerar as experiências vividas nas situações mais particulares da vida. Nessa perspectiva, Benjamin (1987) relaciona o problema da narração com as mudanças da sociedade moderna, que resulta na perda do caráter de experiência coletiva e com a ausência da tradição de narrativa compartilhada de pai para filho proveniente das sociedades artesanais. Para o autor o sistema corporativo medieval contribuía para interpenetração de dois grupos de narradores anônimos: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante.

O mestre sedentário e os aprendizes migrantes trabalhavam juntos na mesma oficina; cada mestre tinha sido um aprendiz ambulante antes

de se fixar em sua pátria ou no estrangeiro. Se os camponeses e os marujos foram os primeiros mestres da arte de narrar, foram os artífices que a aperfeiçoaram. No sistema corporativo associava-se o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário. (BENJAMIN, 1987, p. 199)

A experiência que passa de pessoa a pessoa seria, para ele, a fonte a que recorrem todos os narradores e o senso prático seria uma das características de muitos narradores natos, pois a natureza da verdadeira narrativa traria sempre em si, uma dimensão utilitária, um ensinamento, o autor acredita inclusive que os provérbios seriam “ruínas” de antigas narrativas. A narração não seria o produto exclusivo da voz, mas sim uma prática que envolvia a alma, o olho e a mão inscritos no mesmo campo do artesão, que enquanto trabalhava, narrava suas histórias.

Para Benjamin (1987) a perda da narração e, por conseguinte, da experiência tem como consequência a supressão da memória do indivíduo e a perda do sentido da história, nas suas palavras:

Com a consolidação da burguesia - da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes - destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa forma de comunicação é a informação. (BENJAMIN, 1987, p.202)

A era da informação representa o aligeiramento em todas as relações, seja na produção de conhecimento, no trabalho ou e entre os indivíduos. Benjamin, citando Paul Valery, afirma que a narrativa está ligada ao trabalho manual como um trabalho lento, inspirado na natureza, que busca a perfeição sem se preocupar com o tempo. Diz Valery: “... já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” (*Apud* BENJAMIN, 1987, p.206).

Porém, essa lógica não é definitiva como tensionam Adorno & Horkheimer (1985, p. 41-2), ao dizerem que “são as condições concretas do trabalho na sociedade que forçam o conformismo e não as influências conscientes, as quais por acréscimo embruteceriam e afastariam da verdade os homens oprimidos”.

Pequenos relatos – as experiências como construtoras de sentido à vida

Nas sociedades modernas e com o avanço do capitalismo, o tempo entrecortado e a divisão do trabalho promovem o individualismo não permitindo a escuta e o caminho natural seguido pelas histórias narradas, as ações da experiência estariam assim em baixa e a arte de narrar definindo porque a sabedoria estaria em extinção.

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se “dar conselhos” parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Para obter a sugestão, é necessário primeiro saber narrar a história (sem contar que um homem só é receptivo a um conselho na medida em que verbaliza a sua situação). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um “sintoma de decadência” ou uma característica “moderna”. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas. (BENJAMIN, 1987, p. 200/201)

Bem até a algum tempo atrás era costume as famílias sentarem-se ao redor da mesa para as refeições e ali ficarem contando e ouvindo histórias, muitas vezes por horas a fio. Hábito esse que foi suprimido pela sociedade administrada.

Mediante a crítica de Benjamin, permito-me resgatar a crítica por meio de uma história de vida pessoal, que acredito possa vir a ilustrar como a ausência de narrativas pode criar lacunas que afetam a alma humana, e de que forma o teatro épico de Bertolt Brecht resgata o diálogo com o público na busca da postura crítica da sociedade frente aos acontecimentos de sua época. Desse modo, ilustro o conceito de formação para individuação que provoca o indivíduo a sentir, pensar e agir integrado com o coletivo.

Aos 28 anos de idade dei a luz a minha filha, foi um parto bastante doloroso em muitos sentidos, pois estava com pré-eclampsia e com risco de vida, tanto para mim quanto

para o bebê, na vivência dessa experiência de maternidade entrei em contato com ausências narrativas marcantes em minha história de vida.

Depois de 23 horas em trabalho de parto finalmente minha filha nasceu com boa saúde, ao meio dia e dezessete do dia seguinte, e pode ficar no quarto da maternidade comigo. Logo na primeira noite, minha pressão arterial, que ainda não tinha se estabilizado, aumentou muito e ao chamar o médico plantonista para me ajudar, ele disse que era assim mesmo, que até 48 horas pós-parto eu ainda corria risco de morte...

A partir dessa notícia alarmante e ao olhar para minha filha recém-nascida em seu berço, ao lado do meu leito de hospital, e observando meu marido que dormia profundamente na cama de acompanhante; pensei: será que se eu morrer minha filha vai conhecer a história de vida da mãe dela? Será que seu pai e minha família e/ou amigos vão narrar para ela quem foi sua mãe? E só então, somente nesse momento de possível morte, tive visões de mim mesma, me dando conta de que meu pai havia morrido em um acidente de carro quando eu tinha três anos de idade e ninguém, ninguém da minha família havia falado dele para mim, narrado sua trajetória de vida, seu caráter, seu modo de pensar etc. Eu não tinha pai e também não tinha imagem do meu pai!

Com a morte, o morto morre! Não se fala do morto e com sua morte física, sua história de vida desaparece. De acordo com Benjamin 1987, hoje a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos, pois:

No decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia da morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. Esse processo se acelera em suas últimas etapas. Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitar o espetáculo da morte. Morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar: recordem-se as imagens da Idade Média, nas quais o leito de morte se transforma em trono em direção ao qual se precipita o povo, através das portas escancaradas. (BENJAMIN, 1987, p. 207)

O aspecto relevante a dizer é que não somente evitamos o espetáculo da morte, como enterramos com o morto a possibilidade de continuar vivo, ao menos para a coletividade do grupo ao qual pertenceu, pondo um ponto final, onde poderia existir uma vírgula para a continuidade narrativa de sua experiência de vida!

Hoje, os burgueses vivem em espaços depurados de qualquer morte e, quando chegar sua hora, serão depositados por seus herdeiros em sanatórios e hospitais. Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim como no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso -, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo que lhe diz respeito aquela autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos em seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade. (BENJAMIN, 1987, P. 207, 208)

A morte física do meu pai foi para mim uma perda irreparável, como o é para qualquer criança que sofre essa ausência em idade tão tenra. Antonio Carlos Jobim já dizia que perder um dos pais na primeira infância é como caminhar pela vida sem um braço! É mesmo como caminhar pela vida sem um braço, talvez até mesmo sem os dois braços, uma falta insubstituível, irreparável, uma ausência dilacerante. Fruto de uma sociedade que não tolera o medo de se assumir insignificante diante da vida.

Para além disso, destaco que a ausência de narrativas familiares sobre a pessoa de meu pai, criou uma lacuna abissal na construção da imagem de mim mesma. Recordo-me do trecho de uma peça de Bertolt Brecht, onde uma prostituta sem pai biológico que assumisse seus filhos para criá-los colocava um retrato de homem no aparador da sala de jantar e dizia para as suas duas crianças que aquele homem era o pai delas. Todos os dias a mesa do jantar ela contava histórias sobre a figura daquele pai. Dizia para os meninos que o pai deles não iria gostar se eles se comportassem de maneira equivocada, que não gostaria de vê-los brigando, que ele gostava de tais e tais assuntos, que se comportava e se vestia de tais maneiras, que trabalhava em tais negócios, que era assim, e tal e tal, e desta forma seus filhos tinham um pai, possuíam a imagem de um pai, mesmo sem tê-lo. Aqui a imaginação auxiliava a educação das crianças que cresceram órfãs de pai vivo, mas não órfãs da imagem/autoridade da figura de um pai.

A relação vida e arte também possibilita o enfrentamento da sociedade administrada, por se tratar de uma experiência de conhecimento,

A tese de que o palco é uma instância moral somente se justifica no caso de um teatro que não se limita a transmitir conhecimentos, mas os produz (...) a tarefa maior da direção épica é exprimir a relação existente entre a ação representada e a ação que se dá no ato mesmo de representar. Se todo o programa pedagógico do marxismo é determinado pela dialética entre o ato de ensinar e o de aprender, algo de análogo transparece, no teatro épico, no confronto constante

entre a ação teatral, mostrada, e o comportamento teatral, que mostra essa ação. (BENJAMIN, 1987, p. 88)

Passados alguns anos dessa experiência individual em relação à morte e a ausência da figura paterna em minha vida, tive a oportunidade de vivenciar uma experiência coletiva sobre a possibilidade imaginária de morte, na qual nos lançamos a sentimentos profundos de medo que puderam ser verbalizados, trazendo a consciência angustias recalcadas dos alunos da Favela da Rocinha.

Em 2006 na Rocinha, desenvolvi a experiência de uma vivência lúdico-criadora do fazer artístico¹, intitulada “o barco”. Para realizá-la transformamos velhos colchões em um grande barco, onde o coletivo da turma (segundo ano do ensino fundamental) fez uma viagem marítima na qual deveria acontecer um imprevisto.

A atividade se desenrolou com o estímulo de uma música de hip-hop, cuja introdução trazia acordes e gritos que pediam socorro, sugerindo um sentimento de medo. Essa introdução durava um minuto aproximadamente, e depois a música seguia no ritmo hip-hop bem animado e completamente distinto da introdução por mais seis minutos. A escolha dessa música em especial foi determinada pela intenção de fornecer um mote emocional para a ocorrência de um imprevisto na viagem marítima; imprevisto esse que aconteceria no decorrer da viagem/improvisação sem pré-combinação anterior: o único objetivo era sensibilizar as crianças, por meio da música, para uma improvisação teatral que se desenvolveria na vivência coletiva.

As crianças realizaram então uma improvisação e agiram, virando o barco, algumas morrendo afogadas, outras nadando até a praia, outras sendo comidas por tubarões e outras ainda conseguindo desvirar o barco, consertá-lo e prosseguir viagem.

Após a vivência, às crianças puderam falar sobre a mesma, narrando suas impressões e sentimentos, o que havia sido interessante etc. Inesperadamente, de forma bastante intensa e por vezes caótica, a narração delas extrapolou a experiência do barco recaindo no cotidiano violento de suas vidas na favela. Elas trouxeram como relato narrativo a verbalização do sentimento de medo que as dominava quando tiroteios advindos da problemática econômico-social aconteciam.

Relataram que durante os constantes tiroteios elas se escondiam debaixo da cama ou atrás da geladeira, outras disseram que ficavam apavoradas se seus pais ainda não houvessem

¹ Para aprofundar, recomendamos a leitura da dissertação intitulada, INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO NA ROCINHA: vivências lúdico-criadoras do fazer artístico nas culturas, políticas e práticas de uma escola de ensino fundamental, de GUEDES (2011). Disponível na biblioteca on-line da UFRJ.

retornado do trabalho e então os aguardavam na janela, outras diziam que sentiam dor de barriga, que choravam etc. Uma das crianças chorava enquanto narrava sua história. Vale destacar que os relatos, em momento algum, mencionaram a atividade do barco, mas extrapolaram de uma forma inimaginável à realidade cotidiana dos tiroteios e do medo reprimido.

Uma vez que o cotidiano violento no dia a dia deles, e no entorno da escola, foi transformado em mera informação que banaliza ao se voltar apenas à superfície, isto é, à aparência e, como consequência, a vida está ausente na/da fala escolar e pior é um assunto silenciado e, portanto administrado, frente a esse sistema se coloca a possibilidade das experiências narrativas, pois nas palavras de Benjamin (1987):

A informação só tem valor no momento em que é nova. (...) Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (p.204) Metade da arte narrativa está em evitar explicações, o extraordinário e o miraculoso são narrados com exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (p.203)

Tal experiência foi muito impactante, pois durante alguns meses, ao chegar à escola, as crianças desta turma já corriam em minha direção pedindo a música de hip-hop da vivência do barco (intitulada por eles como a “música do medo”), que contraditoriamente possibilitou vivenciar a experiência do medo, superando o ofuscamento imposto pela racionalidade técnica:

A regressão das massas, de que hoje se fala, nada mais é senão a incapacidade de poder ouvir o imediato com os próprios ouvidos, de apreender o intocado com as próprias mãos: a nova forma de ofuscamento que vem substituir as formas míticas superadas. Pela mediação da sociedade total, que engloba todas as relações e emoções, os homens se reconvertem exatamente naquilo contra o que se voltara a lei evolutiva da sociedade, o princípio do eu: meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 41)

Entendemos como resistência na proposta dos referidos autores a recusa à coisificação do indivíduo. Não se trata de tarefa simples, entretanto não podemos deixar de tentar de nos diferenciar em busca de experiências que nos marcam e, portanto, nos humanizam.

Considerações finais

Em relação ao nosso objetivo de discutir as relações entre experiência e pensamento, considerando o pano de fundo a sociedade contemporânea, ou seja, da vida administrada, tem como propósito provocar um outro olhar sobre os modos de se ver, interagir e atuar na vida. Isso tem relação direta com o enfrentamento dos reducionismos, da indiferença e da descrença de um mundo melhor.

A luta por outra educação que nos conduza para a humanização parte do reconhecimento das contradições sociais, mas ao mesmo tempo provoca o questionamento que se transforma em chave-mestra para a orientação à crítica e à resistência, conforme argumenta Horkheimer (1989, p. 136), quando tensiona sobre “a exposição das contradições sociais não seja meramente uma expressão da situação histórica, mas também um fator que estimula e que transforma.”

Nesse contexto, trouxemos à tona as reflexões de Benjamin sobre a perda da experiência coletiva na forma das narrações e, para além da denúncia, o referido autor alcança às consequências: o empobrecimento das experiências. Tal fato decorre da impossibilidade de conhecermos a fundo, isto é, para além da informação, que pelo seu aligeiramento e superficialidade promove o enfraquecimento/declínio da experiência coletiva, que obsta a formação do indivíduo.

“O narrador é a forma na qual o Justo se encontra a si próprio” (BENJAMIN, 1987, p. 57), eis o principal traço da humanidade, portanto, ter algo a dizer é muito mais do que repetir meras palavras e fatos, o autor diz ainda que o ‘Narrador’ tem como sua matéria a vida humana e estabelece com ela uma relação artesanal. Esse ‘Narrador’ sabe, por isso, dar *conselhos* (no sentido de conselho verdadeiro - *Rat*) como um sábio, podendo basear-se na *experiência (Erfahrung)* de toda uma vida, de uma vida de todos.

A nosso ver, essa é a possibilidade de transformação da educação: professores narradores provocados e provocando a vida em prol da formação do indivíduo enredada no coletivo. Eis o nosso desafio, avantes!!!!

Referências

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. 5ª reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**- ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas, v. 1, 1987.

GUEDES, M. C. **INCLUSÃO EM EDUCAÇÃO NA ROCINHA**: Vivências lúdico-criadoras do fazer artístico nas culturas, políticas e práticas de uma escola de ensino fundamental, dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – URFJ, 2011.